

# Putin tenta ditar paz em seus termos depois de anexar parte da Ucrânia

Contestado, russo culpa Ocidente pela guerra; Zelenski aceita conversar, mas com outro presidente

Igor Gielow

SÃO PAULO O presidente da Rússia, Vladimir Putin, formalizou nesta sexta-feira (30) a anexação de quatro regiões da Ucrânia que controla total ou parcialmente desde que invadiu o país vizinho, em 24 de fevereiro. Considerando isso um fato consumado, disse que está aberto para negociar a paz em seus termos, desde que Kiev aceite um cessar-fogo unilateral. Em um discurso para membros da elite russa no pomposo salão São Jorge, no Grande Palácio do Kremlin, o presidente voltou a insinuar o uso de armas nucleares para defender suas novas possessões. "Usaremos todos os meios necessários", afirmou, enquanto repassou seu discurso tradicional em que pinta a Rússia como vítima de uma conspiração ocidental. Com efeito, o império comunista fundado em 1991 esteve no centro da fala. Putin voltou a lamentar os efeitos de sua dissolução. "Não há mais União Soviética, não podemos voltar ao passado", disse, enquanto anunciava "quatro novas regiões russas". "São partes da Rússia para sempre."

E culpou o Ocidente pela guerra, já que "buscou expandir a Otan para o leste" e "quebrou acordos de controle de mísseis [nucleares]", verdades pelo valor de face, mas direcionadas para o contexto pretendido pelo russo. Putin disse que "o Ocidente quer enfraquecer" o país e que os EUA travam uma "guerra híbrida", sugerindo precedente para o uso da força atômica. Chamando as regiões pelo nome nacionalista de Nova Rússia, afirmou que "não vai discutir" mais o status, mas convidou Kiev a baixar armas e voltar à mesa de negociação. "Estamos preparados para isso." Em comunicado em vídeo, o ucraniano Volodimir Zelenski rebateu: "É óbvio que isso é impossível com esse presidente russo, que não sabe o que é dignidade e honestidade. Assim, estamos prontos para dialogar com a Rússia, mas com outro presidente". O presidente ainda divulgou vídeo no Telegram assinando os documentos para o pedido de adesão rápida à Otan, o que chamou de "passo decisivo". A anexação ocorre no pior momento de Putin no conflito, e após ele ter se con-

sultado com o aliado Xi Jinping enquanto enfrenta crises subjacentes na antiga periferia soviética, que considera seu quintal: conflitos renovados entre Armênia e Azerbaijão e as escaramuças entre Tadjiquistão e Quirguistão. Na presença dos líderes separatistas por ele indicados e sob a sombra de mais uma ataque mortífero na guerra, o presidente assinou quatro decretos separados de anexação, após completar o lustre burocrático e legalista que sempre dá a atos de seu governo, sejam eles legítimos ou contestados. As quatro áreas, cerca de 15% da Ucrânia, fizeram às pressas referendos pedindo a adesão, vistos como farsas. Na noite de quinta-feira (29), reconheceu formalmente as regiões de Kherson e Zaporíjia, no sul ucraniano, como Estados independentes. Ele havia feito o mesmo às vésperas da invasão de fevereiro com as autoproclamadas repúblicas de Lugansk e Donetsk, que compõem o Donbass (leste russofôno que está no centro do conflito). As novas regiões não estavam nas mãos, ainda que parcialmente, de separatistas pró-Rússia. O Donbass

estava dividido desde 2014, quando começou a guerra civil que se seguiu à anexação russa da Crimeia, primeira etapa do projeto de Putin de evitar que a Ucrânia caísse na esfera ocidental — seu aliado Viktor Ianukovitch havia sido recém-derrubado em Kiev. Agora, a Federação Russa ganha mais quatro membros, elevando para 89 o número de entes federais sob comando de Moscou. Eles somavam, antes da guerra, mais de 7 milhões de habitantes, mas é impossível saber quantos deles serão incorporados aos 146 milhões de russos. Contando a Crimeia, no papel Putin absorveu 22% do vizinho. O americano Joe Biden e o francês Emmanuel Macron e o chefe da Otan, Jens Stoltenberg, criticaram o movimento desta sexta, reforçando que não haverá reconhecimento da ONU ou da comunidade internacional, mas Putin não liga: a Crimeia também só teve sua anexação validada por seis países laterais e aliados do Kremlin (Cuba, Venezuela, Síria, Coreia do Norte, Afeganistão e Nicarágua) e três enclaves pró-Rússia (Abkházia e Ossétia do Sul, na Geórgia, e Nagorno-Karabakh, na Azerbaijão).

Zelenski já disse que continuará sua luta até reconquistar todo o território ucraniano; o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, chamou a anexação de ilegal, e líderes ocidentais, Biden à frente, a denunciaram como ação criminosa. Diferentemente da Crimeia, conquistada sem um tiro após um referendo apoiado por tropas russas infiltradas, contudo, o movimento de agora se dá em meio a uma guerra que ameaça se espalhar pelos vizinhos. A posição militar de Kiev é outra também, com bilhões de dólares em equipamento ocidental e melhor treinamento e experiência. A ação pode também abrir caminho para que o Kremlin decida pelo fim da guerra em termos que considera satisfatórios, já que o admitido objetivo de derrubar Zelenski fracassou na aurora do conflito justamente por táticas falhas e falta de soldados. Como Putin em si sempre falou em termos genéricos sobre as metas, aquela que seu porta-voz revelou na semana passada (conquistar ao menos Donetsk) pode ser a linha de corte.

## KIEV ACUSA MOSCOU DE ATAQUE A COMBOIO DE CIVIS QUE DEIXOU AO MENOS 30 MORTOS



Katerina Klotchko/AFP

Ao menos 30 pessoas foram mortas no que a Ucrânia chamou de um "ataque cínico" da Rússia a um comboio de carros no limite da cidade de Zaporíjia, na região sul, nesta sexta (30). Moscou nega ter civis como alvo e devolveu as acusações a Kiev, culpando as forças ucranianas pelo bombardeio com mísseis. Outras 88 pessoas ficaram feridas, informou o chefe de polícia Igor Klímenko. Entre as vítimas, detalhou, estão duas crianças — uma menina de 11 anos e um menino de 14. Outra criança de 3 anos também teria sofrido ferimentos.

Os veículos estavam agrupados perto de um mercado de peças automobilísticas, preparando-se para ir do território controlado pela Ucrânia à área conquistada pela Rússia. As pessoas a bordo iam visitar parentes e entregar suprimentos. O impacto dos mísseis fez com que as janelas se espatifassem e suas partes laterais fossem pulverizadas, além de abrir uma cratera no solo. Segundo relatos de testemunhas, após o ataque havia corpos dentro dos veículos e estirados no chão, alguns deles mutilados.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

**Seção:** Mundo **Caderno:** A **Página:** 15